
FREUD E CLARICE LISPECTOR: UM CONTO E UM ENCONTRO

Germano Quintanilha Costa

Mestre em Cognição e Linguagem/UENF/RJ

gqcost@yahoo.com.br

Resumo

Situando-se no campo da psicanálise com crianças, este trabalho visa analisar os aspectos fundamentais da teoria freudiana a respeito da sexualidade infantil, utilizando-se da narrativa poética de Clarice Lispector. Fruto do estudo de um dos principais textos em que Freud se dedicou ao *infantil*, este trabalho visa compreender o que é o *infantil* em psicanálise, e, conseqüentemente, quem é o *sujeito infantil*?

Palavras chave: psicanálise, sujeito, criança, narrativa poética.

Abstract

Situated in the field of the psychoanalysis with children, this work aims to analyze the basic aspects of the freudian theory regarding the infantile sexuality, using the poetical narrative of Clarice Lispector. Fruit of the study of one of the main texts where Freud studied the theme of the infantile, this work aims to understand what it is the infantile in psychoanalysis, and, consequently, who is the infantile subject?

Keywords: psychoanalysis, subject, child, poetical narrative.

1. Introdução

Motivados a compreender a particularidade do psiquismo humano e de sua relação com a sexualidade, o estudo do sujeito infantil nos conduziu, não por acaso, ao texto de Clarice Lispector. Ao longo dos estudos a respeito da sexualidade infantil, levados por nossas livres associações, acabamos por recordar de um pequeno conto da escritora chamado “*O primeiro beijo*”.

Este pequeno conto, por sua vez, não nos serviu como material de aplicação interpretativo dos conceitos freudianos, tal como se poderia esperar. Na verdade, encontramos na poética de Clarice Lispector, uma estrada de acesso ao pensamento de Freud, e, a partir daí, tomamos o seu “conto” como uma via desbravadora do psiquismo humano e um “*encontro*” com seu caráter infantil quanto à sexualidade.

2. O sujeito infantil e o sexual

Em sua obra “*Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*”, Freud (1905) inaugura a sua forma particular de estudar a relação da sexualidade com o psiquismo. Tomando a perversão e a sexualidade infantil como foco de seu estudo, Freud vem propor uma teoria inovadora, rompendo completamente com as perspectivas biológicas “instintivistas” que imperavam em sua época.

Ao negar-se a inscrever a sexualidade no campo dos “instintos”, Freud postula uma sexualidade situada num outro campo do funcionamento do sujeito. Elaborando, então, o conceito de “pulsão”, Freud inscreve o

sexual na infância e no psiquismo, marcando uma nítida diferença entre o ponto de vista psicanalítico e os outros referenciais teóricos.

Fazendo um corte com a idéia fantasiosa de uma “criança pura”, idéia esta que funciona como mecanismo de defesa criada pelos adultos quando deparados com a existência concreta da sexualidade na infância, Freud postula a criança como um sujeito da pulsão sexual.

Esta *outra* criança, desvendada pela psicanálise, é na verdade, um sujeito cuja sexualidade não encontra satisfação num único objeto. Pelo contrário, a pulsão é justamente aquilo que não possui uma fixidez de objeto, sendo caracterizada, portanto, pela sua variedade de objetos possíveis de serem investidos pela libido.

Nesse contexto, a criança passa a ser vista como um sujeito que, frente às exigências de sua pulsão, entrega-se a atividades sexuais de caráter auto-erótico e perverso. Tais vivências infantis constituem o passado que se encontra sob efeito do recalque na vida psíquica do adulto neurótico.

Tomemos agora o conto de Clarice Lispector para que dele possamos enxergar o lugar do sujeito tal como revelado pela psicanálise. A autora começa seu conto narrando a história de um personagem que numa conversa com sua primeira namorada, é perguntado por ela, se ele já havia beijado antes uma outra mulher. Sem saber como explicar, ele toscamente passa a narrar a cena do seu primeiro beijo.

Ele, ainda menino, viajava de ônibus numa excursão. Em meio às brincadeiras da criançada, é acometido de uma sede enorme, que segundo Clarice era maior do que ele próprio, pois lhe tomava agora o corpo todo. Nas palavras da autora, a história se desenrola da seguinte forma:

“E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos aquele vento de deserto? Tentou por instantes, mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar. Talvez minutos apenas, enquanto sua sede era de anos.

Não sabia como e por que, mas agora se sentia mais perto da água, pressenti-a mais próxima...O instinto animal dentro dele não errava: na curva inesperada da estrada, estava...o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada.

O ônibus parou e ele conseguiu ser o primeiro a chegar ao chafariz de pedra.

De olhos bem fechados entreabriu os lábios e colocou-os ferozmente ao orifício de onde jorrava a água. O primeiro gole fresco desceu, escorrendo pelo peito até a barriga.

Era a vida voltando, e com esta encharcou o seu interior arenoso até se saciar. Agora podia abrir os olhos.

Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água.

E soube então que havia colocado sua boca na boca da estátua da mulher de pedra. A vida havia jorrado dessa boca, de uma boca para outra.

Olhou a estátua nua... Ele a havia beijado.

Sofreu um tremor que não se via por fora e que se iniciou bem dentro dele e tomou-lhe o corpo todo estourando pelo rosto em brasa viva.

Perturbado, atônito, percebeu que uma parte de seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva, e isso nunca lhe tinha acontecido.

A vida era inteiramente nova, era outra, descoberta com sobressalto.

Até que, vinda da profundeza de seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho jamais sentido: ele... Ele se tornara homem” (Lispector, 1998: 157).

Onde podemos enxergar um encontro entre Freud e Clarice ? Podemos dizer que está no fato do garoto tomar a estátua da mulher de pedra como um objeto de sua pulsão, isto é, de seu desejo.

O que vemos nesse conto é Clarice falar de forma metafórica o quanto o objeto da pulsão não pode ser confundido com o objeto da necessidade. No entanto, alguém poderia argumentar que nesse mesmo conto, Clarice diz que o instinto animal do personagem fazia com que ele pressentisse a aproximação da água, não seria isso um desencontro com a teoria da pulsão de Freud?

Diríamos que não, porque não é sobre qualquer água que Clarice fala. Ela fala de uma água “sonhada”. Não é mais a água como objeto da necessidade, que está em jogo para o personagem, mas um objeto sonhado, ou seja, um objeto que foi atravessado pela fantasia.

Na verdade, a água “sonhada” traz à cena um outro objeto: a mulher de pedra. E não é a água da necessidade que faz com que ele sinta uma tensão agressiva naquela parte do seu corpo que antes estava sempre relaxada. A água que lhe traz excitação sexual é a “água” sonhada, proveniente de um objeto revestido pela fantasia, pois a estátua de pedra é revestida com uma representação feminina.

O instinto do personagem era por água, mas a sua pulsão era por um objeto sexual, o que foi mostrado por Freud no “mito da primeira mamada”. O recém-nascido enquanto um organismo vivo é, como qualquer outro animal, um sujeito da necessidade. Em total estado de desamparo, a necessidade instala no seu organismo uma tensão, a ponto de pôr em risco sua própria integridade.

A criança busca o seio e se sacia com o leite. Porém, tão logo a criança deseje novamente esse seio, e este não se faça disponível, ela se entregará facilmente às atividades auto-eróticas do “chuchar”. A criança mostra com isso que a primeira experiência de satisfação de sua necessidade foi acompanhada de uma satisfação sexual e é justamente essa satisfação que ela busca agora no seu próprio corpo.

O personagem de Clarice não encontra satisfação numa prática auto-erótica, pelo contrário, ele encontra sua satisfação num outro, porém, ele nos mostra a condição do sujeito, tal como é revelada pela psicanálise: o sujeito da pulsão é este que não possui um objeto fixo, um objeto que possa, através de uma condição natural e instintiva, dar um ponto de basta na procura que está em jogo na sexualidade.

3. Considerações finais

O sujeito narrado por Clarice Lispector é, em nossa opinião, o próprio sujeito da psicanálise. Freud e Clarice se encontram quando ambos entendem que um sujeito só pode tomar uma pedra como seu objeto sexual – e lembrá-lo como referência de um primeiro beijo dado em uma mulher –, porque de fato na sua realidade psíquica, não era um pedaço de pedra que ele estava beijando.

Ele beijava, antes de tudo, um objeto do desejo, uma mulher que jorrava e que lhe fornecia a fonte da vida. De maneira belíssima Clarice fala então do momento em que uma verdade brotou de dentro do menino, fazendo com que a partir daí pudesse se posicionar em seu erotismo, constituindo-se como homem.

O infantil em psicanálise pode ser entendido não através de uma cronologia ou de uma psicologia do desenvolvimento, pois ele ultrapassa o estado de ser “criança” ou “adulto”.

O sujeito infantil é o único sujeito que interessa propriamente à psicanálise, pois o sujeito da psicanálise é esse que nunca se desenvolverá por completo, na medida em que sempre lhe faltará o objeto capaz de completar inteiramente o vazio que sustenta o seu desejo.

A pulsão é aquilo que lança o sujeito numa rede interminável de investimentos à procura do seu objeto. Porém, é essa mesma possibilidade de fazer investimentos que faz com que o sujeito também não tenha garantia alguma de que sua satisfação seja completa.

Cada investimento pulsional que o sujeito faz, é uma tentativa do sujeito de resgatar aquilo que teria sido o objeto de uma “primeira” e “mítica” grande experiência de satisfação. É nesse sentido que Freud chamou esse objeto de “Das Ding”, a coisa perdida, e que Lacan chamou de objeto a, o objeto que falta. Trata-se de dois conceitos primordiais a compreensão do sujeito do inconsciente, uma vez que apontam para a existência de uma lacuna estrutural no funcionamento psíquico.

O que faz o homem ser um sujeito do desejo, e não apenas um animal na busca de satisfação de suas necessidades, é justamente o fato de que existe uma lacuna entre o objeto que ele busca e aquilo que ele pode dizer simbolicamente sobre esse objeto.

Diante da lacuna entre a “coisa” e a “representação” da coisa o que resta ao sujeito, a cada investimento pulsional, é o sentimento de uma não satisfação completa diante do objeto.

Uma vez que perdeu seu caráter animal e instintivo, o homem é esse ser que precisa construir no simbólico um saber sobre aquilo que move seu desejo. No caso dos animais esse saber não é simbólico, ele se encontra inscrito no próprio organismo, por via do instinto (Jorge, 2000: 67).

Este vazio que se produz a cada encontro objetual exerce um influência ambígua sobre o sujeito. Por um lado, ele será sempre fonte de angústia. Por outro lado, ele é o que abre as portas para a possibilidade do sujeito buscar no mundo simbólico alguns semblantes do seu objeto precioso, mas nunca encontrado. Aqui é preciso compreender a ciência da semiótica, no sentido que ela nos revela algo que é confirmado pela psicanálise, isto é,

que a atividade simbólica do sujeito é exatamente a capacidade de representarmos, através da linguagem, aquilo que está ausente para o sujeito.

Sendo assim, o infantil é o que impera na vida subjetiva e é por isso que Lacan se autoriza a afirmar que o adulto não existe. É nesse caráter infantil, incompleto e não desenvolvido do psiquismo que a psicanálise busca escutar o sujeito, assim como busca desvelar o desejo que insistentemente encontra expressão em todas as suas atividades simbólicas.

4. Referências

FREUD, Sigmund. *Três ensaios da Teoria da Sexualidade* (1905). Vol VII. Em: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise: de Freud à Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Roco, 1998.